

**HUMOR E POLÍTICA NA REPÚBLICA BRASILEIRA: A REVISTA DON
QUIXOTE (1895-1903), DE ÂNGELO AGOSTINI**

**HUMOR AND POLITICS IN BRAZILIAN REPUBLIC: THE DON QUIXOTE
MAGAZINE (1895-1903), BY ÂNGELO AGOSTINI**

Alessandro de Almeida¹
Edwirgens Aparecida Ribeiro Lopes de Almeida²

RESUMO

As discussões políticas que marcaram a crise do Segundo Reinado (1840-1889) se projetaram nas mídias impressas e tiveram nos jornais e revistas da época um lugar marcante. Nesse contexto, o debate abolicionista, a perspectiva de laicização do Estado e os efeitos da Guerra do Paraguai (1865-1871) foram inspirações para as críticas de Ângelo Agostini que, por meio da caricatura e do humor, projetou sua visão sobre a Proclamação da República (1889) e os problemas que circundavam os primeiros anos do novo regime de governo. Nessa conjuntura, objetiva-se, neste artigo, analisar as imagens destacadas pelo artista na *Revista Don Quixote* (1895-1903), notadamente optando pelas figuras animadas que têm como referência personagens cervantinos que inspiraram o artista ítalo-brasileiro. Para tanto, utilizaremos as capas do periódico em análise em que aspectos quixotescos são utilizados para criticar a ambiência política que circunda a recém iniciada República brasileira, proclamada em 1889, em especial no período entre os anos de 1895 a 1903. Com esse material de análise, o intento é perceber, sob a ótica do cartunista, as problemáticas inerentes aos primeiros anos da República nacional, ainda carregada por heranças da difícil transição condicionada pelo final do governo de D. Pedro II, mediadas na ilustração pelo efeito do humor.

Palavras-chave: Dom Quixote; Ângelo Agostini; humor; política; república.

¹Doutor em História Social. Universidade Estadual de Montes Claros-MG. Montes Claros. Minas Gerais. Brasil. E-mail: Hg6alessandro@gmail.com Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-3348-4489>

²Pós doutora em Literatura Brasileira. Doutora em Literatura Brasileira. Doutora em Literatura espanhola e hispano-americana. Universidade Estadual de Montes Claros-MG. Montes Claros. Minas Gerais. Brasil. E-mail: edwirgensletras@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2297-6800>

ABSTRACT

The political discussions that marked the crisis of the Second Empire (1840-1889) were projected into the printed media and had a prominent place in the newspapers and magazines at the time. In this context, the abolitionist debate, the perspective of secularization of the State and the effects of the Paraguayan War (1865-1871) were inspirations for the criticisms of Ângelo Agostini who, through caricature and humor, projected his vision of the Proclamation of the Republic (1889) and the problems that surrounded the first years of the new government regime. In this context, the objective of this article is to analyze the images highlighted by the artist in Revista Don Quixote (1895-1903), notably opting for animated figures that have as references Cervantine characters that inspired the Italian-Brazilian artist. With this analysis material, the aim is to perceive, from the cartoonist's perspective, the problems inherent in the first years of the national Republic, still burdened by legacies of the difficult transition conditioned by the end of the government of D. Pedro II, mediated in the illustration by the effect of humor.

Keywords: Don Quixote; Ângelo Agostini; humor; politics; Republic.

Artigo recebido em: 23/01/2025

Artigo aprovado em: 11/03/2025

Artigo publicado em: 24/03/2025

Doi: <https://doi.org/10.24302/prof.v12.5792>

INTRODUÇÃO

O papel dos meios de comunicação e imprensa como veículos de debates políticos para a formação de um imaginário republicano no país instigou inúmeros intelectuais como Nelson Werneck Sodré, Lilian Moritz Schuarwtz e vários outros. Para além disso, a influência de escritores e artistas para a tentativa de (re)construção de imagens de lideranças políticas e debates nacionais foi efercente entre os anos que cercaram a Proclamação da República do Brasil (1889). Nesse cenário, entre os anos de 1895 a 1903, o Jornal Ilustrado Dom Quixote ganhou um lugar especial. Diante disso, a partir da análise de capas da revista supracitada, objetivamos problematizar algumas discussões importantes que marcam os primeiros anos da República nacional, a partir de ano de 1895. Com esse intuito, a análise além dos historiadores citados, o

diálogo com a literatura e com especialistas em humor e estudos sobre o jornal e o artista Ângelo Agostini serão fundamentais, contanto sobretudo com os estudos do professor Waldomiro Vergueiro e da professor Maria Augusta da Costa Vieira.

Com tais objetivos, é importante salientar, de início que, a decadência do Império Brasileiro foi marcada por profícuas produções jornalísticas que representavam o imaginário republicano que irrompia em meio às crises do governo de Dom Pedro II, no Brasil (1840-1889). Neste cenário, por meio do humor, o mais importante artista gráfico brasileiro, provindo de imigração italiana, destacava-se com críticas políticas presentes em periódicos importantes como: *Diabo Coxo*, *O Cabrião*, *O Alerquim*, *Vida Fluminense*, *O Mosquito* e a *Revista Ilustrada*. Com viés crítico, Ângelo Agostini, em 1895, fundou também a *Revista Don Quixote*, jornal ilustrado de Ângelo Agostini, uma de suas últimas empreitadas no Brasil antes do seu falecimento em 1910. O jornal manteve sua produção até 1903 e, portanto, ilustrou o cenário dos primeiros anos da República brasileira, marcado por problemas provenientes da crise do Império, notadamente pela abolição da escravatura (1888), problemas de D. Pedro II com a Igreja Católica e ascensão do movimento republicano, principalmente após a Guerra do Paraguai (1865-1871). Destarte, o intento deste texto é apresentar a ambiência política representada por Ângelo Agostini na *Revista Don Quixote*, produzida no início do período republicano, no Brasil.

DESENVOLVIMENTO

Ângelo Agostini nasceu em Vercelli, na Itália, em 1843. Seu pai, Antonio Agostini, faleceu quando ele tinha 5 anos e, em companhia da mãe, Raquel Agostini, foi levado a Paris para viver com a avó. Estando por volta de dez anos na cidade francesa, lá, ele iniciou sua formação artística frequentando academias de arte.

Chegou ao Brasil em 1860, onde publicou os jornais ilustrados e de caricaturas, *Diabo Coxo* e *Cabrião*. Trabalhou ainda em algumas revistas de caricaturas, no Rio de

Janeiro. Depois, funda sua própria Revista Illustrada, tendo alto número de tiragens, na qual publicou na qual publicou as Aventuras do Zé Caipora, e, depois, a revista Don Quixote, objeto do qual iremos discorrer neste artigo. Ainda que tenha operado uma crítica, às vezes ácida, sobre a contexto brasileiro daqueles tempos, denunciando a corrupção de políticos e do governo, sobretudo expondo a hipocrisia das campanhas vitoriosas da Abolição e da República, Agostini foi bem acolhido pela crítica. Saudado por sua arte, após sua morte, em 1910, o artista ficou esquecido no cenário artístico nacional.

Escrevendo para o jornal *O Paiz*, em 1888, o contemporâneo Joaquim Nabuco sugere o idealista que era Ângelo Agostini, um sujeito sintonizado com o modo como a política institucional refletia na realidade das pessoas. Conforme Nabuco, “Angelo Agostini teve a fortuna de ser o que se pôde chamar em materia de liberalismo o character bem equilibrado, o daquelle que ama a liberdade, não pela palavra, mas pela cousa, não pela doutrina, mas pelo facto, e, sobretudo não por si, mas pelos outros” (Nabuco, 1888, p. 01). Também J. Bocó, jornalista da Revista *O Malho*, periódico em que Agostini também colaborou emitiu seu ponto de vista sobre o trabalho do caricaturista:

Sem os seus desenhos memoráveis, obedientes ao seu espirito de combatividade, os sarcasmos contra o exotismo da instituição que ‘felizmente nos regia’ e os ataques contra os escravocratas da gema não teriam o poder de penetrar tanto, como penetraram nas grandes camadas populares, alliando-as espiritualmente à grande causa da liberdade (Bocó, 1910).

Apesar dos reconhecimentos emitidos pelos jornalistas contemporâneos de Ângelo Agostini, o periódico *Gazeta Artística*, no ano do falecimento do caricaturista, emitiu um olhar depreciativo de sua arte:

Está bem de ver, que Ângelo Agostini não pode seriamente dedicar-se ao estudo da arte, para a qual o attraiam as tendências do seu espirito vivo, irrequieto [...] Ângelo Agostini nunca pode aperfeiçoar-se na technica dos processos e na teoria da arte. Dahi o resentirem-se todos os seus trabalhos dessa deficiência de cultura artística [...].

[...] Ângelo Agostini foi sempre medíocre desenhista. As suas caricaturas reduziam-se quase sempre ao simples retrato, por vezes de uma fidelidade de placa photographica, mas inexpressivo, mudo na fixidez e fidelidade dos traços physiomicos [...] Nos dizeres que acompanhavam os desenhos, estava o sucesso da sua caricatura; nunca se elevou da crítica dos fatos concretos, a uma abstração generalizada, ao symbolismo que condensa e integra uma apreciação crítica, definindo as tendências sociais de um meio, de uma época, de uma civilização. A deficiência do desenho e a pobreza da composição não lhe permit-tiam, ainda que quizesse, abalançar-se á realização dessa concepção artística da caricatura (Gazeta Artística, 1910).

Tendo seu talento ora aclamado ora contestado pelos jornalistas e críticos seus contemporâneos, é lícito afirmar que seu posicionamento foi enfático e sua atuação trouxe uma leitura reflexiva sobre os primeiros anos da República. No Brasil, Agostini logo defendeu as causas abolicionistas. “Após o termino da Guerra do Paraguai, Agostini encabeçou uma entusiasmada campanha em favor das diversas leis que visavam dar um basta ao processo escravocrata – como a Lei do Ventre Livre, aprovada em setembro de 1871” (Vergueiro, 2011, p. 44).

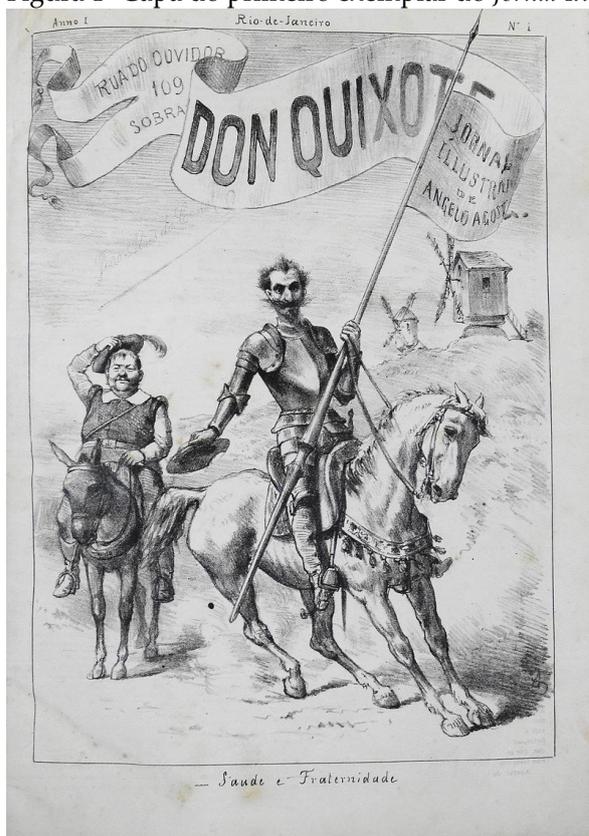
Em seu legado artístico, Agostini fez predominar a crítica por meio do humor, argumenta Rogéria de Ipanema:

O tratamento da abordagem de Agostini para com a imprensa artística de humor, naquele fim de século, era de quem dominava-a muitíssimo bem, por uma carreira de jornalista exercida em 30 anos, fazendo circular suas ideias políticas da vida pública, junto aos movimentos das ruas e das gentes da cidade. O procedimento litográfico, igualmente, carregava consigo o Pipelet do Cabrião, da carioquíssima Revista ‘da corte’ *Illustrada*, e não de corte como para Norbert Elias, ou na qualificação de desenhista de *A Vida Fluminense* ou *d’O Mosquito*. Muitos Agostinis, em inúmeras imagens, mas ao verticalizar o olhar em *Don Quixote*, em nosso entendimento, é praticamente, estar diante da sua melhor obra gráfica, ou seja, estar diante da sua melhor tradução (Ipanema, 2017, p.7).

Criou a Revista *Don Quixote*, em 1895, cujo nome é uma alusão ao personagem cervantino que identificava a verdade histórica como verdade poética e acreditava que a ordem se daria pela reconstrução do mundo cavalheiresco, mesmo com seus avançados cinquenta anos, explica Maria Augusta da Costa Vieira (2012). A dedicação às armas, o riso proveniente de suas loucuras e o ambiente trágico e cômico que

marcavam a decadência do império são inspirações que constituem indícios importantes para a compreensão do nome do periódico de Agostini, conforme ilustrado na capa abaixo:

Figura 1- Capa do primeiro exemplar do *Jornal Ilustrado Don Quixote*, de Ângelo Agostini



Fonte: *Don Quixote* (1895) – Ano I, número 1³

O jornal destaca os personagens cervantinos Don Quixote e Sancho Pança numa imagem em que Don Quixote leva consigo uma bandeira abasileirada pelo letrado destacando a conhecida Rua do Ouvidor, no centro do Rio de Janeiro. Ao fundo, temos os moinhos de vento, associando o caráter quixotesco do período à esperança de modernização que povoava os sonhos de parte dos republicanos no país. Com o lema “_ Saúde e fraternidade”, Agostini ironizava o ambiente político de 1895, marcado pela

³Ver em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/507552/Don_Quixote_v.01_n.001_23_jan_1895.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 09 mar. 2025.

crise da política do Encilhamento em que Rui Barbosa procurou modernizar a economia brasileira, mas sofreu com o boicote de grupos de latifundiários. A república apresentava-se doente e os grupos conservadores da elite cafeeira elegiam o primeiro governante civil do Brasil, Prudente de Moraes (1894-1898). Entre o conservadorismo e o sonho de modernização, a fraternidade não era a tônica do país, pois revoltas separatistas e o movimento messiânico de Canudos demonstravam que os primeiros anos da república não seriam marcados pela desejada “saúde e fraternidade”.

A cervantista Maria Augusta da Costa Vieira (2012) compara o sonho patriótico utópico do personagem Policarpo Quaresma, de Lima Barreto, com Don Quixote. Evidencia que os dois se dedicavam às armas, dispunham de biblioteca particular cujas leituras eram sobre patriotismo e organizavam projetos políticos que esbarravam em uma sociedade estéril, precária, fútil e opressora. Sob esta ótica, ela destaca que:

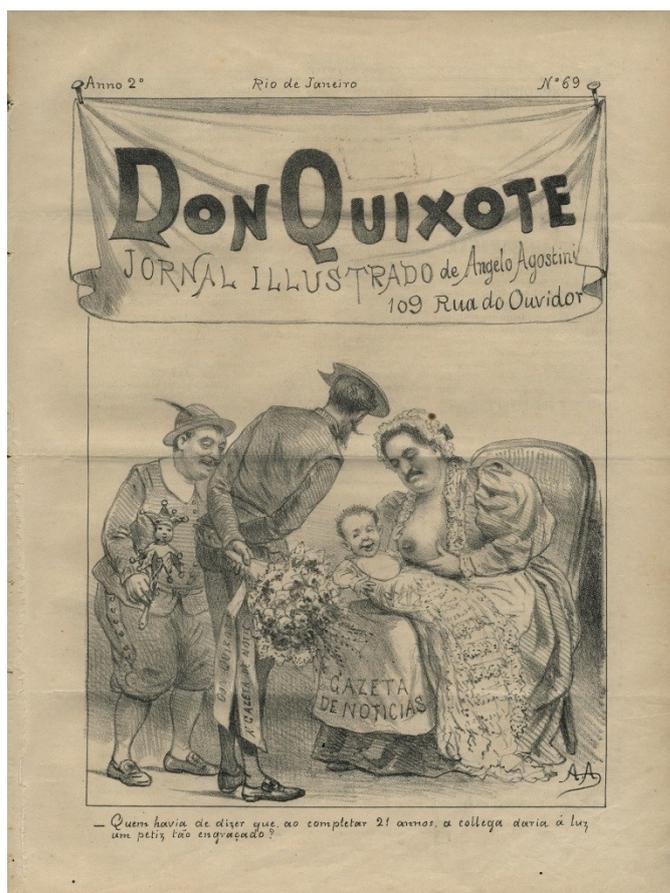
O quixotismo de Policarpo, entretanto, parece ter raízes mais profundas, pois nasce do descompasso entre seu sonho patriótico utópico contraposto a um Brasil com perspectivas arcaizantes, mesquinhas e preconceituosas. A partir do riso provocado por suas loucuras, surge a vertente comovedora de seu idealismo, que não tem origem especificamente no disparate de seus espelhismos, e sim no fato de que o protagonista, louco ou sensato é fiel a si mesmo (Vieira, 2012, p. 75).

O caráter quixotesco é a marca também das produções de Ângelo Agostini, sendo que o riso é utilizado como crítica da sociedade brasileira e sua república controversa. Suas posições e críticas se valiam do humor presente em suas produções ilustradas. Comumente, conforme afirma o historiador Herman Lima (1963), os periódicos ilustrados no Brasil ganharam destaque com a *Semana Ilustrada* de Henrich Fleiuss, iniciada em dezembro de 1860. Naquele tempo, o humor gráfico passou a acompanhar e participar da realidade política e social brasileira como nunca havia feito antes. Inicialmente poupando a família real, mas posteriormente, com críticas mais ásperas aos problemas do Império Brasileiro, marca registrada das ilustrações de Agostini com seu tom quixotesco, conforme elucidado.

A respeito do *Jornal Ilustrado Don Quixote*, Maria Augusta da Costa Vieira afirma que “o cavaleiro, acompanhado por seu escudeiro, transformam-se em figuras símbolos do jornal, que se dispõe a criticar as falácias da vida política e social brasileira” (Vieira, 2012, p. 55). Em relação à distância temporal do personagem cervantino e o contexto dos primeiros anos da república, os três séculos de diferença são minimizados pela persistência de preconceitos, injustiças e abusos de poder marcantes também da realidade brasileira do final dos oitocentos para o início dos novecentos.

Também considerado como um dos precursores da produção de Quadrinhos no mundo, Ângelo Agostini, no que tange aos problemas associados ao processo abolicionista e ao preconceito racial no Brasil, também dedicou exemplares da *Revista Don Quixote* para ironizar um dos maiores problemas da República: a não inserção do negro na sociedade elitista e branqueada, conforme podemos observar em mais uma ilustração do jornal em análise:

Figura 2- Capa do nº 69 da Revista *Don Quixote*



Fonte- *Don Quixote* (1896) – Ano II, número 69.⁴

O periódico de Agostini alimenta a crítica referindo-se à alusão à Lei do Ventre Livre (1871) em que os escravos só conseguiriam sua liberdade após ficar sob a tutela de seu senhor por 21 anos. Na charge, a mãe é representada por um senhor de escravos e o filho é um mulato. A sátira ridiculariza os senhores de escravos que, comumente, devido a relações sexuais com suas escravas tinham seus filhos bastardos mulatos. Por outro lado, representa também uma crítica às leis abolicionistas e ao fato de que, em 1896, época das primeiras publicações da revista, os escravos, então livres, tinham dificuldade de se inserirem em uma sociedade ainda pautada pelo preconceito. Assim, mesmo com a proclamação da república, mulatos ainda tinham que se verem sob a dependência de grupos latifundiários que dominavam a política brasileira. O contraste

⁴ Ver em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/507635/Don_Quixote_v.02_n.069_08_ago_1896.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 09 mar. 2025.

e a dificuldade de articulação existente entre os interesses de uma elite mestiça que se diz branca no Brasil é a tônica do humor presente na ilustração. Destaca-se ainda os personagens secundários que presenciam e presenteiam o latifundiário que observa sua criança com um semblante rancoroso, enquanto o bebê sorri. O tradicionalismo e o preconceito são satirizados, demonstrando o caráter abolicionista que marcou o período e que estampa a trajetória de Ângelo Agostini, no Brasil.

Lilia Moritz Schwarcz, em *As Barbas do Imperador* (1998), enfatiza a importância de Agostini e do humor ilustrado para as transformações políticas no Brasil imperial. Utilizando como fonte a *Revista Ilustrada*, do mesmo caricaturista, destaca o “D. Pedro banana” ilustrado nas caricaturas da época. As frequentes viagens, o descaso com os índios, a derrota na Guerra do Paraguai, o avanço do movimento republicano e das causas abolicionistas eram marcas da produção do chargista italiano vivente no Brasil, desde 1860. A respeito do movimento republicano, José Murilo de Carvalho, em *A formação das Almas* (1990), elucida que a luta em torno do mito de origem para a República encontrou, nas críticas caricaturescas um lugar importante, pois as sátiras já ridicularizavam imagens como a de Tiradentes, antes mesmo da historiografia se dedicar a rever o constructo ufanista de tais símbolos. A bandeira e a imagem de mulher como símbolo da república eram constantemente ridicularizadas pelos jornais da época, conforme ilustração a seguir:

Figura 3- O ano de 1896



30. "O ano de 1896",
Angelo Agostini, D. Quixote, 25/11/1895.

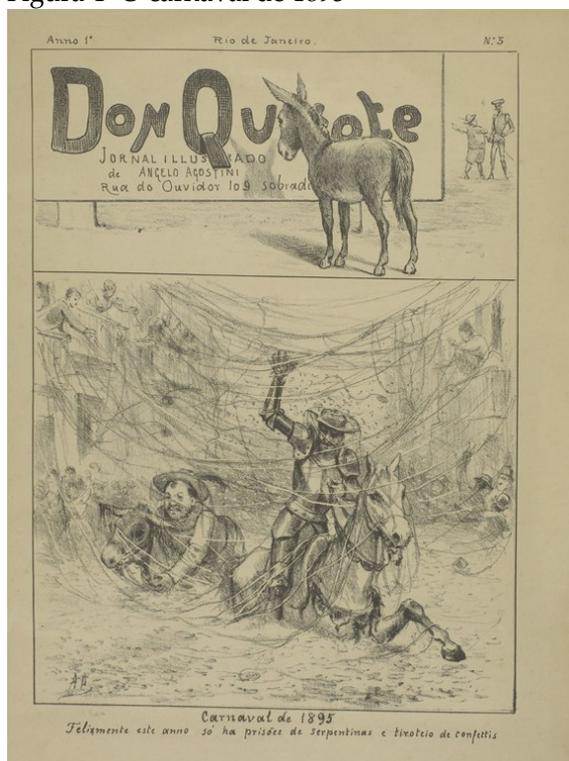
Fonte- Revista *Don Quixote*, Ano I

A imagem sobre "O ano de 1896" destaca a tristeza da República brasileira, representa por uma mulher com o barrete frígio e a bandeira do Brasil, triste e posicionada na contramão dos chefes estadistas brasileiros, representados por presidentes da república. Estes, privilegiam os interesses militares e latifundiários nos primeiros anos do Brasil republicano e, por isso, é puxada em direção contrária. Ao fundo, Marianne símbolo da república francesa conduzindo cavalos para a direção contrária à dos governantes brasileiros. De acordo com José Murilo de Carvalho "A aceitação do símbolo na França e sua rejeição no Brasil permitem, mediante a comparação por contraste, esclarecer aspectos das duas sociedades e das duas repúblicas" (Carvalho, 1990, p. 14). A prerrogativa do contraste e da frustração de sonhos e ideais republicanos também é evidenciada na relação dos cavalos com o burro. As personagens que representam o ideário liberal francês são expostas em contraste com Maria, símbolo caricaturado da triste república brasileira. Tal associação de cunho quixotesco, dialoga com a imagem do primeiro exemplar do Jornal Don

Quixote em que Sancho Pança está montado entristecido em um burro, enquanto que dom Quixote está em um belo cavalo que, na figura acima, ambas as personagens cervantinas assistem, inertes, à falta de liberdade do propósito da república, presa aos ideais da elite conservadora. Cabe ressaltar que as premissas modernizadoras da política do Encilhamento de Rui Barbosa, no início da república, eram associadas às apostas das corridas de cavalo típicas das práticas das elites cariocas daqueles tempos. O fracasso da política do Encilhamento fez com que as rédeas da república brasileira ficassem sob o domínio das elites cafeeiras brasileiras.

A respeito das representações do burro e cavalo, como contrastes dos primeiros anos da República e marca do caráter quixotesco das obras ilustradas de Agostini no Jornal Don Quixote, realçam o tom jocoso das imagens que também associavam a crise política ao carnaval. Veja-se na sátira abaixo intitulada “O Carnaval de 1895”:

Figura 4- O carnaval de 1895



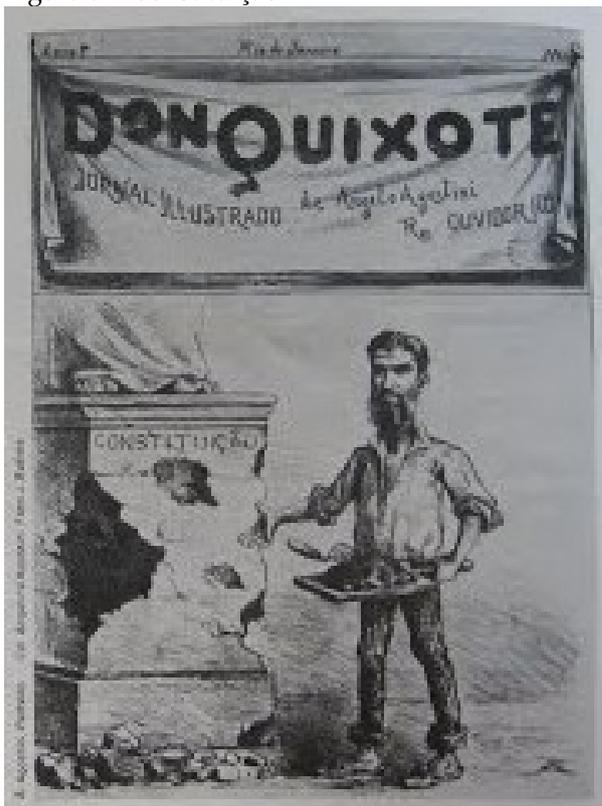
Fonte- Jornal Don Quixote – O Carnaval de 1895 – Ano I, número 5⁵

⁵ Ver em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/507590/Don_Quixote_v.01_n.005_23_fev_1895.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 09 mar. 2025.

As serpentinas e os confetes, sob a observação do burro de Sancho Pança, atolam os sonhos de ideário republicano e modernizador de Dom Quixote. Envolto pelos adereços do carnaval de 1895, as premissas de “mais civilização, mais progresso, mais humanidade” são enterradas no clima de crise dos primeiros anos da república brasileira. No editorial da *Revista Don Quixote*, de Ângelo Agostini, é esclarecido que Sancho Pança serviria sempre como um contraponto aos sonhos de Quixote dando um caráter realista, prático e filosófico dos acontecimentos da política brasileira. Sob este viés, por vezes, o burro de Sancho Pança acompanha a representação da república brasileira e sua difícil realidade, conforme elucidado anteriormente. Por outro lado, Dom Quixote e seu cavalo representam a modernização. Na sátira acima, a realidade e o sonho modernizador veem-se mergulhados e presos às festas carnavalescas no Brasil. Em meio às crises e angústias dos primeiros anos da república, o carnaval aprisiona o desenvolvimento e ofusca a triste realidade nacional.

Outro ponto bastante criticado por Agostini foi a Constituição Republicana de 1891 e a realidade brasileira, conforme capa abaixo:

Figura 5 – Constituição



Fonte- *Jornal Don Quixote* – Ano I – 1895⁶

A sátira acima apresenta o contraste existente entre a Constituição Republicana de 1891 e a difícil realidade vivenciada pelos brasileiros naquele tempo. A prerrogativa de se construir uma noção de cidadania para o Brasil esbarrava na desigualdade social, injustiças, coronelismo e baixo índice de escolaridade da maior parte da população brasileira. O historiador José Murilo de Carvalho, em *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi* (1999), ressalta que “tudo era, sem dúvida, um pouco louco. Mais havia lógica na loucura” (Carvalho, 1999, p. 89), principalmente no que tange à cidadania. Segundo ele, apesar das apropriações estranhas dos ideais europeus, o liberalismo já havia sido implantado no Império com a Lei de Terra de 1850 que, mesmo excludente, já liberava capital para a importação de mão-de-obra. A Lei das Sociedades Anônimas (1882) liberara o capital facilitando a vinda de indústrias

⁶ Ver em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/507590/Don_Quixote_v.01_n.005_23_fev_1895.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 09 mar. 2025.

estrangeiras. A liberdade de manifestação, reuniões, profissões e acesso à propriedade privada já estavam presentes na carta constitucional de 1824. Assim, no que se refere aos direitos civis, pouco foi acrescentado em 1821, conforme crítica da ilustração de Agostini demonstrando uma constituição deformada, antiga e debilitada. Ainda segundo José Murilo de Carvalho, “a loucura lógica” reside no fato de que a Constituição de 1891, além de não representar tantos avanços, diminui alguns direitos sociais como a obrigação do Estado de promover socorros públicos. “A República, ou os vitoriosos da República, fizeram muito pouco em termos de expansão de direitos civis e políticos” (Carvalho, 1999, p. 92). Dessa forma, a construção da cidadania no Brasil esbarrava em problemas sociais e políticos pouco contemplados pela Constituição republicana. A loucura lógica e permeada por uma crítica acurada é uma das marcas da obra de Cervantes, assim como fica evidente na Revista Ilustrada *Don Quixote* e o difícil cenário republicano brasileiro. O entendimento de tal aproximação é fundamental para compreendermos a recepção e ressignificação das características quixotescas presentes nas obras de Ângelo Agostini. Obviamente que, tais apontamentos servir-nos-ão apenas como um caminho investigativo que intenta provocar pesquisadores que se interessam pelo humor e a política, aspectos caros ao personagem cervantino e à Revista *Don Quixote*, publicada entre os anos de 1895 a 1903.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta perspectiva, é lícito afirmar que o periodismo jornalístico, aliado ao humor de Ângelo Agostini, por meio dos jornais e revistas publicados nos primeiros anos da República brasileira, provocou uma intensa reflexão sobre a condição social e política do País, aliando alto teor de percepção crítica e sarcasmo.

Dessa maneira, ao intitular o periódico com a personagem cervantina, Agostini nos provoca a noção de que, diante de circunstâncias onde a realidade vivida não

corresponde às aspirações de uma ideologia política, mostra o contexto de modo risível, o que aproxima o contexto da loucura e do caos, porém assentado em certa racionalidade, como ocorre com a personagem espanhola Don Quixote.

Portanto, utilizando a arte e o humor, Ângelo Agostino consegue projetar reflexões e críticas coerentes e sensatas sobre as aspirações e os acontecimentos dos primeiros anos da República brasileira, bem como os problemas decorrentes da herança da difícil transição no sistema político do Brasil, no final do século XIX e início do século XX.

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Ângelo. *Jornal Don Quixote* – O Carnaval de 1895 – Ano I, número 5

AGOSTINI, Ângelo. *Jornal Don Quixote* – Ano I – 1895

AGOSTINI, Ângelo. *Don Quixote (1895)* – Ano I, número 1

AGOSTINI, Ângelo. *Don Quixote (1896)* – Ano II, número 69.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. **El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha**. Edición del instituto Cervantes dirigida por Francisco Rico, Barcelona: Crítica, 1998.

BOCÓ, J. **O Malho**, Rio de Janeiro, a. 9, n. 385, jan. 1910.

GAZETA ARTÍSTICA, São Paulo, 30 jan. 1910.

IPANEMA, Rogéria de. Imprensa artística de humor e os mediadores da crítica social: o decalque e o pastiche no *Don Quixote* brasileiro”. In: SIMPÓSIO DE HISTÓRIA NACIONAL, 29.: contra os preconceitos : história e democracia. 2017.

Brasília. **Anais [...]**. Brasília: Anpuh, 2017, p. 1-9. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548953096_ee16b0bf736eb56326fba39a8a89641c.pdf, Acesso em: 20 jan. 2025

LIMA, Herman. **História da caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1963.

NABUCO, Joaquim. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 10 out. 1888, p. 1

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Mauad, 1994.

VIEIRA, Maria Augusta. **O dito pelo não dito: paradoxos de Dom Quixote**. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2012.

VERGUEIRO, Waldomiro. O humor gráfico no Brasil pela obra de três artistas: Ângelo Agostini, J. Carlos e Henfil. **Revista USP**, n. 88, p. 38-49, 2011. Doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i88p38-49>.